

**Erivaldo Pereira Do Nascimento \***  
**Lucienne Espíndola \***

## MARCAS DO INTERLOCUTOR EM CARTAS PRODUZIDAS NA QUESTÃO DE REDAÇÃO DO PSS 2008 DA UFPB (The Interlocutor Presence in Letters Produced by Students at PSS 2008 at UFPB)

### ABSTRACT

This article aims to present a qualitative analysis in a sample corpus of letters produced by students attended to UFPB, at PSS 2008. These letters correspond to the second question from the exam of writing. Our analysis concerns about the presence of the interlocutor (auditorium), which functions as a direction to the locutor to decide what and how to produce their text. We tried to identify how the interlocutor is linguistically present or not in students writing, using the concept of discourse genre from Bakhtin (2000), Marcuschi (2000) and the auditorium concept from Perelman (1999). We also made a reflection if the lack of vocative in writing or the lack of the interlocutor into the text work as a prove that the students do not have knowledge about this discourse genre. Despite being a sample corpus, the analysis shows the student's knowledge level about the discourse genre called letters.

**Keywords:** discourse genre letters, writing, interlocutor.

### RESUMO

Este artigo apresenta amostragem de uma análise qualitativa das cartas produzidas por candidatos ao PSS 2008 da UFPB, as quais foram escritas como respostas à questão número dois da Prova de Redação. Nossa análise está centrada na figura do interlocutor (auditório), cuja função – entendemos – é a de direcionar *o que e como* o locutor deverá produzir determinado texto. Buscamos identificar como o interlocutor está linguisticamente marcado ou não nas produções dos candidatos; e, a partir dessa constatação, partindo da concepção de gênero discursivo de Bakhtin (2000), Marcuschi (2000), de auditório de Perelman (1999), refletimos se, de fato, as produções cujo interlocutor não aparece na forma de vocativo, nem mesmo no corpo do texto por alguma pista linguístico-discursiva, refletem o (des)conhecimento do candidato em relação ao gênero carta. Mesmo sendo uma amostragem, a análise revela-nos o nível de conhecimento dos candidatos que participam desse concurso no que diz respeito ao gênero discursivo carta.

**Palavras-chave:** gênero carta; produção escrita; interlocutor.

Entre as mudanças propostas pelo Ministério da Educação (MEC) para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio, como também no Fundamental, está a inserção do gênero textual/ discursivo na sala de aula.

Quando se pensa no trabalho com textos, outro conceito indissociável diz respeito aos gêneros em que eles se materializam, tomando-se como pilares seus aspectos temático, composicional e estilístico (PNC+, p.77).

Essa inserção, no Ensino Médio, vem sendo implantada, de forma mais

---

\* UFPB.

sistemática, depois da publicação dos PCNs+ (2002); porém, ainda pouco se sabe sobre essa inserção, que não é apenas uma mudança de nomenclatura, mas uma mudança de concepção de linguagem, de texto, enfim, um mudança na concepção de ensino de língua materna.

Nossa investigação, de certa forma, revela um pouco dessas mudanças que vêm sendo implementadas, principalmente no estado da Paraíba, uma vez que, no PSS da UFPB, a maioria dos inscritos é oriunda das escolas de Ensino Médio desse estado. A amostragem apresentada por nós diz respeito a uma das características primordiais do gênero textual/discursivo<sup>1</sup> carta: a presença do interlocutor (auditório) marcada ou não lingüisticamente nas produções dos candidatos ao PSS 2008 da UFPB.

Partimos das características do gênero carta postuladas por Bakhtin (2000) e Marcuschi (2000) e elegemos o vocativo como sendo o principal traço desse gênero, marcado lingüístico-discursivamente. Salientamos que o interlocutor é a bússola na produção de qualquer gênero e que, entre aqueles que o apresentam marcadamente, a carta, parece-nos, seja um dos mais representativos.

Nesse contexto, a partir de Perelman (1999), para quem o auditório é o conjunto daqueles a quem o locutor pretende persuadir, passamos a ‘olhar’ o nosso *corpus*: as cartas produzidas pelos candidatos. Os resultados revelam-nos textos com a presença do interlocutor marcada pelo vocativo, textos com a ausência de um vocativo, entretanto com o interlocutor marcado discursivamente no corpo da carta.

## 1. O GÊNERO DISCURSIVO CARTA (CARACTERÍSTICAS ESTRUTURAIS E DISCURSIVAS)

A concepção de gêneros aqui adotada se inscreve em uma perspectiva interacional da língua, que leva em conta o caráter social e subjetivo da linguagem. Bakhtin (2000, p. 279) considera os gêneros do discurso tipos relativamente estáveis de enunciados.

Qualquer enunciado considerado isoladamente, é claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso* (grifo do autor).

Além da relativa estabilidade, Bakhtin destaca o caráter sócio-histórico para a definição dos gêneros do discurso. Ele afirma que cada esfera da atividade

---

<sup>1</sup> Neste artigo, não faremos distinção entre gêneros textuais, gêneros do discurso e gêneros discursivos, tratando um termo por outro, embora conscientes das diferenças terminológicas.

humana “comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (idem, p.279). Essa posição do autor estabelece uma relação muito direta entre os processos de formação dos gêneros e as ações humanas. De acordo com Marcuschi (2000, p. 24), Bakhtin aproxima a língua à vida humana de tal maneira que uma penetra na outra e, quando alguém escolhe um gênero, nunca o fará como um fato individual, mas coletivo, pois o gênero é uma forma de inserção social e de execução de um plano comunicativo intencional.

Para Bakhtin, a variedade dos gêneros do discurso pressupõe a variedade de intenções da pessoa que fala ou escreve. Dessa maneira, ele insiste na diversidade dos fatos sociais emitidos pelos mais diversos grupos e, conseqüentemente, nos fatos de linguagem. Portanto, como dependem da intenção e dos fatos sociais, os gêneros do discurso são infinitos e heterogêneos (Bakhtin, 2000, p. 279).

Para Bakhtin, uma concepção clara do enunciado e dos gêneros do discurso é indispensável para qualquer estudo lingüístico.

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo lingüístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo entre a língua e a vida (2000, p. 282).

Ressalte-se que, para esse autor, o enunciado é um todo comunicativo, marcado pela enunciação e que se relaciona com outros enunciados. Dessa maneira, Bakhtin diferencia o enunciado da oração: esta não é um todo e não permite uma resposta ou uma reação, embora seja inteligível. O enunciado, por sua vez, é entendido como “uma unidade da comunicação verbal” (2000, p. 295) e é determinado por três fatores: o tratamento exaustivo do objeto, a intenção do locutor e a sua estruturação em um gênero do discurso (idem, p. 299).

E esses gêneros, conforme sua complexidade e esfera de uso, foram classificados por Bakhtin em dois grandes grupos: gêneros primários (simples) e gêneros secundários (complexos). Os primários são aqueles da vida cotidiana e mantêm uma relação imediata com as situações nas quais são produzidos. Os gêneros secundários, por sua vez, aparecem nas circunstâncias de uma situação cultural mais complexa e relativamente mais desenvolvida. Marcuschi (2000) sugere que os gêneros primários estão mais associados aos textos orais, enquanto os textos escritos correspondem, principalmente, aos gêneros secundários.

A classificação dos gêneros do discurso ainda não é um problema resolvido pela Lingüística Discursiva ou pela Lingüística Textual. A própria denominação como gêneros do discurso não é unanimidade, pois coexistem termos como *gêneros discursivos* e *gêneros textuais*. Adotamos, no entanto, a nomenclatura bakhtiniana, que nos parece mais adequada à perspectiva teórica que assumimos.

Depois de Bakhtin, vários estudiosos propuseram diferentes classificações para os gêneros do discurso. Entre eles, Beaugrande (1980), Van Dijk (1985), Adam (1993). As diferentes classificações, de acordo com Marcuschi (2000, p. 62), são baseadas em diferentes critérios e adotam diferentes perspectivas teóricas: “Os critérios variam, as classificações variam e não se tem uma noção clara do que seja um tipo como tal”.

Ainda consciente da dificuldade de sistematizar e tipificar os gêneros, Marcuschi também apresenta um quadro, sistematizando os gêneros em duas modalidades da língua – oral e escrita – organizados em treze domínios discursivos: científico, jornalístico, religioso, da saúde, comercial, industrial, instrucional, jurídico, publicitário, lazer, interpessoal, militar e ficcional (2000, p. 107 ss.). O autor ordena nesses domínios discursivos os mais diversos gêneros, desde as conversas espontâneas até os mais elaborados textos orais e escritos de nossos dias.

A carta, uma vez que está presente em diferentes instâncias da vida social, é um gênero que perpassa diferentes domínios discursivos. Exatamente por isso, encontramos diferentes cartas, em diferentes domínios. Para exemplificar, se pensarmos na vida familiar, teremos a carta pessoal, a carta de amor, no domínio jornalístico, por exemplo, teremos a carta do leitor, a carta ao leitor; já no domínio comercial, teremos a carta comercial, o memorando, entre outros exemplos.

A carta é considerada por Bakhtin (2000, p. 281) como pertencente ao universo dos gêneros primários. No entanto, ao afirmar que os gêneros secundários (romance, teatro, discurso científico, discurso ideológico etc.) absorvem e transmutam os primários, que, por conseguinte, se transformam dentro dos secundários, o autor nos abre espaço para compreender o fenômeno da carta não só poder transmutar por diferentes gêneros como também entender por que há uma enorme variedade de cartas circulando nos mais diferentes meios sociais. Com a própria evolução das instâncias sociais, não é de se estranhar que esse gênero tenha sofrido variações para se adaptar às diferentes necessidades de cada uma dessas instâncias.

Assim, é possível afirmar que há alguns subgêneros de carta que pertencem ao universo dos gêneros primários, e nesse caso incluímos as cartas pessoais, de amor, de família etc. Mas também há as cartas que se inserem nos gêneros secundários, como é o caso da carta oficial, da comercial, da carta ao leitor.

No entanto, há algumas características que parecem essenciais e necessárias a todos os subgêneros de carta que circulam nas diferentes instâncias e domínios discursivos, decorrentes do caráter formulaico do gênero. Os gêneros ditos formulaicos, de acordo com Silva (2007, p.12), são aqueles vistos como exemplares que seguem um padrão formal de construção, como é o exemplo da carta, da ata de reuniões, do parecer etc.

As características mais comuns na estrutura composicional do gênero carta, apontadas em diversos manuais de redação, são: local e data, vocativo, objetivo da carta, desenvolvimento, despedida e/ou desfecho, assinatura. A

presença do vocativo assinala, na carta, a sua característica discursiva essencial, que é a presença marcada do interlocutor.

O gênero carta possui um estilo próprio que ainda é determinado pela presença dessa relação discursiva entre locutor e interlocutor. E as outras características são decorrentes dessa relação. A escolha no tratamento (formal, informal), a presença de determinadas informações relacionadas, por exemplo, à presença ou não do endereço no corpo da carta, telefone, um desfecho formal, uma despedida informal, entre outros.

## **2. O INTERLOCUTOR COMO NORTEADOR DA PRODUÇÃO TEXTUAL**

A partir do momento em que se concebe a linguagem como forma de inter-ação, todos os envolvidos nesse jogo – o da interação – devem ser considerados tanto no momento de produção quanto naquele da recepção. Ou seja,

(...) as condições de produção (tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores, imagens recíprocas, relações sociais, objetivos visados na interlocução) são constitutivas do sentido do enunciado: a enunciação vai determinar a que título aquilo que se diz é dito (KOCH, 1992, p.14).

Abordamos, aqui, o papel do interlocutor na produção de um texto, salientando que, quando o elegemos, todos os outros fatores das condições de produção estão sendo contemplados, mesmo que indiretamente. Em outras palavras, a construção do texto (em geral) é influenciada direta ou indiretamente pelos (possíveis) leitores.

Para alicerçar essa postura, recorremos a Perelman (1999), para quem o interlocutor corresponde ao auditório, que o define:

Se quer definir o auditório de forma útil para o desenvolvimento de uma teoria da argumentação, deve-se concebê-lo como o conjunto daqueles que o orador quer influenciar pela sua argumentação (p.33).

Embora saibamos que Perelman estava postulando a importância do auditório (interlocutor) para a argumentação, sabemos, hoje, que a importância do interlocutor não está restrita a um gênero textual, mas tornou-se imprescindível para a leitura e a produção de qualquer gênero.

Alguns gêneros não trazem, textualmente marcados, os seus interlocutores (auditório), no entanto, sabemos que todo texto tem um interlocutor previamente definido e que, em função desse leitor, é que serão feitas as escolhas linguístico-discursivas. É o caso dos gêneros jornalísticos e dos literários em que o interlocutor



### 3. A PRESENÇA DO INTERLOCUTOR NOS TEXTOS PRODUZIDOS POR CANDIDATOS NO PSS 2008: UMA AMOSTRAGEM

A proposta da segunda questão da prova de redação do PSS 2008 da Universidade Federal da Paraíba apresentou um texto publicitário com o título “*O que faz você Feliz?*” e o seguinte comando:

Esse texto apresenta uma série de elementos e situações que podem levar as pessoas a se sentirem felizes. Nele, o leitor, por vezes, é interpelado sobre a seguinte pergunta: “O que faz você feliz?” Considerando que uma empresa realizará um concurso para premiar o(a) candidato(a) que melhor responda, por meio de uma carta, à pergunta “O que faz você feliz?”, e supondo que você participará desse concurso, redija seu texto, observando as seguintes orientações:

- Siga a estrutura padrão de uma carta;
- Dirija sua carta ao gerente da empresa;
- Use a norma culta da língua escrita;
- Redija sua carta com, no mínimo, 10 linhas e, no máximo, com 15;
- Assine sua carta usando o pseudônimo “O(A) Sonhador(a)”.

Antes de apresentarmos os resultados da análise, é preciso salientar que o comando da questão determina o interlocutor da carta (o gerente), conseqüentemente o nível de formalidade a ser impresso na carta, uma vez que se trata de uma interação entre duas pessoas que não se conhecem, além de estar essa carta situada em uma esfera pública. Além disso, o interlocutor (o gerente) deve ser tratado com a formalidade e o respeito que o cargo exige, nem mais nem menos. Portanto, a resposta à pergunta “O que faz você feliz?” deve ser pensada como adequada a uma situação pública e formal e, ao mesmo tempo, deve atender ao tema proposto.

As produções textuais analisadas por nós, neste artigo, são as apresentadas como resposta a essa questão, sobre as quais teceremos alguns comentários que devem ser considerados como resultado de uma análise qualitativa das referidas produções, salientando que nosso olhar centrou-se em como o interlocutor está materializado ou referido nessas produções.

A referência ao interlocutor é feita lingüisticamente de várias maneiras no material produzido pelos candidatos, como se pode observar a seguir, sendo o vocativo a forma mais recorrente, com a presença de referência ao interlocutor também no interior do próprio texto, mas em número mais reduzido.

### 3.1 O INTERLOCUTOR MARCADO LINGÜISTICAMENTE APENAS PELO VOCATIVO

Convém assinalar que, na maior parte das cartas, o uso do vocativo, ou de algo equivalente, é a única forma de identificação do interlocutor. Nesses casos, a referência é feita através do vocativo, ou de um endereçamento ocupando o lugar do vocativo, sem nenhuma outra forma de identificação do interlocutor no corpo da carta.

O vocativo é lingüisticamente atualizado de diferentes formas:

- a) *Sr. Gerente*
- b) *Prezado Sr. Gerente*
- c) *Prezado Gerente*
- d) *Prezado Gerente da Empresa*
- e) *Caro Gerente*

Todos esses usos traduzem um tratamento respeitoso e formal para com o interlocutor. As formas acima – Senhor, Prezado (senhor), Caro (senhor) – são adequadas à situação descrita no enunciado da questão de redação, uma vez que o produtor do texto (candidato) deve se dirigir a um gerente de uma empresa, até então desconhecido, a fim de participar de um concurso público. O tratamento formal, nesse caso, mais do que adequado, se faz necessário. O uso acima revela, inicialmente, a consciência dos candidatos no que diz respeito ao contexto discursivo, à utilização do gênero e da linguagem adequados a esse contexto.

Mesmo que no decorrer da carta esse interlocutor marcado pela função social que ocupa na empresa não seja mais referido, o uso dos vocativos acima nos permite afirmar que esses candidatos têm, no mínimo, o conhecimento de que para que um texto seja caracterizado como carta, pelo menos o vocativo precisa estar lingüisticamente marcado em um espaço já determinado. Em outras palavras, o gênero carta tem uma estrutura ‘estética’ socialmente (re)conhecida.

Em alguns textos, os candidatos substituíram a função do interlocutor por um nome próprio fictício, criado por eles, como apresentado e nos exemplos abaixo:

- f) *Prezado Sr. Antônio Pereira*
- g) *Senhor Paulo do Nascimento Silva*
- h) *Prezado Gerente Pedro*

Nos exemplos **f** e **g**, pode-se perceber que os candidatos simulam uma situação real de comunicação, tratando, inclusive, o interlocutor por senhor, além de dar-lhe nome e sobrenome, imprimindo à interação uma certa formalidade.

No entanto, o exemplo **h** mostra alguma dificuldade em lidar com a formalidade marcada pelo tratamento, uma vez que é utilizado só o primeiro nome para se dirigir ao interlocutor, o que não seria adequado para a situação de formalidade que se exige em uma carta dirigida a uma instituição (empresa).

Ainda aparecem no *corpus* outras formas de vocativo, tais como:

- i) *Ilmo Sr. Gerente*
- j) *Exo Sr. Gerente*

Nesses casos, os elementos lingüísticos utilizados no vocativo imprimem um tratamento de formalidade excessiva para a situação comunicativa. Tratar por ilustre ou por excelência um gerente de empresa não é o que se espera, já que esses tratamentos são reservados, na nossa sociedade, para autoridades civis socialmente reconhecidas.

Outro problema de tratamento bastante peculiar se pode perceber, ainda, nos exemplos abaixo:

- k) *Olá, Sr. Gerente*
- l) *Querido gerente*

O exemplo **k** mostra claramente uma confusão entre formalidade e informalidade. O candidato trata o interlocutor por senhor, mas utiliza uma saudação bastante informal: *olá*. No exemplo **l**, outro fenômeno de informalidade aparece: o locutor escolhe uma forma utilizada em contextos informais e de intimidade para se referir ao interlocutor. O uso de “*querido*” é inadequado à situação comunicativa, no entanto poderia funcionar como forte elemento argumentativo, uma vez que pode ser uma estratégia de tentativa de aproximação do locutor com o interlocutor. Porém, a continuidade do texto não confirma a utilização desse termo como estratégia argumentativa, confirmando a inadequada utilização do tratamento. Isso revela, a priori, a dificuldade de os candidatos lidarem com diferentes interlocutores em diferentes situações de formalidade.

As ocorrências de **j** a **l** levam-nos a presumir que o gênero carta, embora considerado um dos mais utilizados socialmente, não tem ainda sua forma de produção muito clara, porque também não parece clara sua importância social nos espaços onde se dá sua circulação – pelo menos não pelos candidatos a esse exame seletivo. Tal constatação sugere que a noção de gênero discursivo adotada pelos documentos oficiais do MEC ainda não está bem sedimentada, principalmente porque esse gênero apresenta subgêneros de acordo com o meio onde circula e com o interlocutor a quem está endereçado. Acrescente-se que o gênero carta não se concretiza somente pela presença de um vocativo, mas é necessário que o corpo do texto apresente características de uma interação pública ou pessoal (diálogo) entre, pelo menos, duas pessoas.

Verificamos, ainda, o vocativo, ligado ao corpo do texto, como é possível observar nos dois exemplos abaixo:

- m) *Caro Sr. Gerente, são ínfimas as situações que me trazem felicidade...*
- m) *Querido gerente do Pão de Açúcar, o que me faz feliz é estar reunido...*

O que se pode perceber, nessas duas ocorrências, é que os candidatos não dominam as características formais do gênero, uma vez que, em ambos os casos, o vocativo não está separado do corpo do texto, mas dele faz parte. No exemplo **m**, o locutor trata o seu interlocutor de forma ‘aceitável’, no entanto, no exemplo **n**, ocorre exatamente o que se deu no exemplo **l** comentado acima: o locutor trata o locutor de maneira íntima e bastante informal, quase que fugindo do subgênero solicitado.

Outra ocorrência não menos comum, no *corpus*, é o vocativo substituído por um endereçamento, ou se confundindo com este:

- o) *Ao Sr. Gerente,*
- p) *Ao gerente da Empresa Pão de Açúcar*
- q) *Para: Sr. Gerente Maurício Lima*

Nesses exemplos, o que se percebe é a substituição do vocativo por um endereçamento. Nos casos em que esse fenômeno acontece, é exatamente no local em que deveria figurar o vocativo que aparecem as formas acima, marcadas pelas preposições *a* ou *para*. Consta-se uma mistura de endereçamento e vocativo, uma vez que, em alguns desses casos, essa é a única forma pela qual o produtor do texto assinalou a presença do interlocutor.

Outras formas lingüísticas foram utilizadas como forma de referência ao interlocutor, como a de endereçamento abaixo, porém em menor número:

- s) *Dirigida ao senhor Abílio Diniz*
- t) *Do Diretor da Escola Sabedoria*  
*Ao Gerente do Pão de Açúcar Pedro Vaz de Lima*  
*Prezado Sr*

No exemplo **s**, fica clara a intenção do endereçamento, mas também aparece o tratamento e esse ocupa, no corpo do texto, a posição de vocativo. Já no exemplo **t**, além do endereçamento, há o vocativo. Esse caso revela uma variação de algumas cartas comerciais e oficiais, em que aparecem o vocativo e o endereço, na folha da própria carta. Percebe-se, ainda no exemplo **t**, a preocupação de identificar instituições, o que remete para a carta comercial ou oficial, fugindo um pouco da proposta de redação do concurso.

Mais uma vez, pelas ocorrências, constata-se o desconhecimento por parte de alguns candidatos da variedade de cartas que circulam socialmente, bem como quando usar adequadamente cada uma dessas variedades, sem incorrer em erro. Percebe-se que a carta é levada para a sala de aula, mas talvez ainda não seja trabalhada na perspectiva de gênero discursivo.

### 3.2 O INTERLOCUTOR MARCADO LINGÜISTICAMENTE TAMBÉM NO CORPO DA CARTA

O gênero carta requer que o interlocutor, marcado inicialmente pelo vocativo, seja o interlocutor com quem o locutor vai dialogar, mesmo que a distância, no decorrer do texto. Espera-se que esse interlocutor (auditório) seja interpelado no decorrer da carta através de marcas lingüístico-discursivas as mais diversas. No entanto, muitas vezes, como vimos, no primeiro grupo, esse interlocutor marcado pelo vocativo não mais é interpelado no decorrer da carta.

Muito embora a única referência ao interlocutor, na maior parte dos textos produzidos, seja a presença do vocativo ou do endereçamento, em algumas correspondências analisadas, o locutor também se faz presente no corpo do texto, assinalado por diferentes formas lingüístico-discursivas. Quando isso ocorre, o locutor do texto estabelece um diálogo permanente com o interlocutor do texto, muitas vezes deixando registradas suas intenções. Os exemplos abaixo demonstram esse fenômeno:

- u) *Senhor gerente, é com imensa alegria que **lhe** escrevo esta carta, respondendo sua pergunta, “o que me faz feliz?” [...] Terminando essa carta **lhe** digo: não importa onde eu esteja, o que importa é ser feliz acima de tudo.*

Nesse fragmento, a marca do interlocutor, através das formas em negrito (destacadas por nós), demonstra a tentativa de o locutor manter esse diálogo com o seu interlocutor desde o início do texto. Essa estratégia permite ao primeiro uma maior aproximação com o segundo (destinatário), e funciona como estratégia argumentativa, uma vez que, criando aproximação, sem, no entanto, ferir a formalidade que o gênero e a situação requerem, o locutor apresenta-se mais persuasivo, aproximando-se do seu interlocutor.

A presença do interlocutor, marcada no interior do corpo da carta, também funciona como uma estratégia de persuasão no exemplo:

- v) *Como vai? Estou escrevendo esta carta, para dizer-**lhe** que me sinto muito feliz participando deste concurso, e também para falar das coisas que me fazem feliz...*

Além de estabelecer contato, o locutor traz o diálogo para o nível da oralidade com a pergunta dirigida ao interlocutor: “*Como vai?*” Essa pergunta, no entanto, não prejudica a formalidade do texto no contexto, mas funciona como estratégia discursiva, objetivando aproximação entre locutor e interlocutor. Essa estratégia também é perceptível quando o locutor expressa para o interlocutor sua felicidade em participar do concurso.

participando deste concurso, e tambarta, para dizer-lhe que me sinto muito feliz correpondha da prs abaixo:

*x) Fazer coisas simples é o que me faz feliz. Gerente, espero que goste dos meus argumentos.*

Nesse fragmento, fica nítido que o locutor utiliza a expressão “*Gerente*” para chamar a atenção do seu interlocutor, garantindo não somente a compreensão do dito, mas chamando a atenção para os argumentos apresentados a seguir, que, por sua vez, funcionam como uma estratégia argumentativa para deixar clara a intenção do locutor de vencer o concurso em questão. Estratégia semelhante se percebe no trecho abaixo, retirado de uma outra carta:

*z) Certo que, V. Sr. me escolherá para exerce este, cargo. Atenciosamente,*

Nesse exemplo, o locutor se refere ao interlocutor de maneira bastante persuasiva, escolhendo um modalizador epistêmico asseverativo (certo que)<sup>2</sup> e utilizando um tratamento bastante formal (V. Sr. – por V. Sa.). Essa estratégia revela a intenção do locutor bem como mantém o diálogo iniciado no texto, através do vocativo.

Mesmo que em número bem menor, as cartas que apresentaram o interlocutor marcado no vocativo e no corpo do texto revelam-nos um melhor domínio do gênero carta por parte dos candidatos, uma vez que evidencia que o diálogo (interlocução) não é garantido somente pela marcação do vocativo. Interagir com alguém através de uma carta requer muito mais do colocar adequadamente o vocativo, mas também estabelecer e manter o diálogo do início ao fim do texto.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As observações aqui apresentadas devem ser lidas como primeiras por

<sup>2</sup> Modalizadores epistêmicos asseverativos ocorrem quando o falante considera verdadeiro o conteúdo da proposição, ocorrendo um alto grau de adesão do falante com relação ao dito.

resultarem de uma análise qualitativa em um *corpus* que, embora tenha sido produzido por alunos advindos de escolas diversas do Ensino Médio, é o produto de um processo seletivo.

A partir do conceito de carta na perspectiva de gênero discursivo, pode-se afirmar que não só a determinação prévia do destinatário (interlocutor) mas também sua presença marcada lingüisticamente no vocativo e no corpo da carta são critérios imprescindíveis nesse gênero. E foi a partir desse conceito que “olhamos” as cartas produzidas pelos candidatos.

Os dados revelaram-nos os que o interlocutor está marcado, nas cartas, predominantemente, de duas formas:

- 1) lingüisticamente apenas pelo vocativo;
- 2) lingüisticamente também no corpo da carta.

Saliente-se que a segunda forma, que dá conta do conceito de carta na perspectiva de gênero discursivo, apareceu em número muito menor. Essa constatação permite-nos questionar se, no Ensino Médio, a noção de *gênero* está sendo trabalhada ou se ainda prevalece a noção de *tipo*, que privilegia somente a estrutura canônica de um texto.

Os dados nos apontam um desconhecimento de grande parte dos candidatos do que seja o gênero carta e suas características semântico-discursivas e sociais. Esse desconhecimento revela-se pela predominância de cartas com o interlocutor marcado apenas no vocativo, o que mostra o desconhecimento da necessidade de o diálogo não só começar pelo vocativo mas também ter continuidade no decorrer do corpo da carta, através de diversas marcas lingüístico-discursivas.

Ressalte-se que nossa pesquisa é de caráter qualitativo, mas os resultados podem ser um alerta de como o ensino do gênero vem acontecendo nas escolas de Ensino Fundamental.

**REFERÊNCIAS**

- BAKHTIN, Mikhail (2000). **Estética da criação verbal**. Tradução M.E.G. Gomes. 3ª Edição. São Paulo: Martins Fontes. [1ª edição: 1992]
- KOCH, Ingedore G. V. (1992). **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (2000). **Gêneros Textuais: o que são e como se classificam**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. (mimeo)
- LINGUAGENS, Códigos E Suas Tecnologias. / **Secretaria De Educação Média E Tecnológica – Brasília: Mec; Semtec, 2002. 244 P. Pcn + Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares Aos Parâmetros Curriculares Nacionais.**
- MEDEIROS, João Bosco (2006). **Correspondência: Técnicas De Comunicação Criativa**. 18ª Ed. São Paulo: Atlas.
- PERELMAN, Chaïm (1999). **Império retórico: retórica e argumentação**. 2ª ed. Lisboa: Asa Editores II, S.A.
- SILVA, José Maria da (2007). **A Subjetividade Lingüísticamente Marcada em Pareceres Técnicos e Jurídicos**. João Pessoa: UFPB.